

ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO PARA O FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA URBANA E DA AGROECOLOGIA NAS METRÓPOLES

Heloisa Soares de Moura Costa

Programa de Pós Graduação em Geografia/ Universidade Federal de Minas Gerais | heloisasmcosta@gmail.com

Luciana Correa do Lago

Programa de Pós Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social/ Universidade Federal do Rio de Janeiro | lucianacorreallago@gmail.com

Resumo: A sessão busca apresentar, dar visibilidade e discutir pesquisas em andamento que visam identificar, conhecer e reforçar iniciativas de produção de alimentos em pequena escala, de forma coletiva e em bases agroecológicas em áreas urbanas e metropolitanas em regiões brasileiras.

Parte-se do pressuposto de que tais pesquisas e seus respectivos processos são poderosas ferramentas de aprendizado coletivo, capazes de desencadear sentimentos de identidade comum, resgate de saberes pouco valorizados, gerando processos de empoderamento e relações de pertencimento de agricultoras/es com seus territórios. Constituem também instrumentos de mobilização política, de discussão de alternativas de produção, comercialização e consumo de alimentos de qualidade, de compreensão do lugar da agricultura urbana na produção e apropriação do espaço urbano, na luta pelo acesso à terra e à água, na percepção de múltiplas desigualdades socioespaciais. São contemplados Anuários das Agriculturas Metropolitanas (UFMG e UFRJ), Pesquisa "Agricultura Urbana Agroecológica, Direito à Cidade e Promoção da Saúde: intercâmbios para o fortalecimento de práticas e redes" (FIOCRUZ/CNAU) e pesquisa UFRN/MDA.

Abstract: The session seeks to present, give visibility and discuss ongoing research that aims to identify, understand and reinforce small-scale food production initiatives, collectively and on an agroecological basis in urban and metropolitan areas in Brazilian regions.

It is based on the assumption that such research and its respective processes are powerful

collective learning tools, capable of triggering feelings of common identity, rescuing undervalued knowledge, generating empowerment processes and relationships of belonging between farmers and their territories. They also constitute instruments of political mobilization, of discussing alternatives for the production, commercialization and consumption of quality food, of understanding the place of urban agriculture in the production and appropriation of urban space, in the struggle for access to land and water, in the perception of multiple socio-spatial inequalities. Metropolitan Agriculture Yearbooks (UFMG and UFRJ), Urban Agriculture and Health research (FIOCRUZ) and UFRN/MDA research are included.

Resumen: La sesión busca presentar, visibilizar y discutir investigaciones en curso cuyo objetivo es identificar, comprender y reforzar iniciativas de producción de alimentos a pequeña escala, colectiva y sobre bases agroecológicas en áreas urbanas y metropolitanas de regiones brasileñas.

Se parte del supuesto de que dichas investigaciones y sus respectivos procesos son poderosas herramientas de aprendizaje colectivo, capaces de desencadenar sentimientos de identidad común, rescatar conocimientos infravalorados, generar procesos de empoderamiento y relaciones de pertenencia entre los agricultores y sus territorios. También constituyen instrumentos de movilización política, de discutir alternativas para la producción, comercialización y consumo de alimentos de calidad, de comprender el lugar de la agricultura urbana en la producción y apropiación del espacio urbano, en la lucha por el acceso a la tierra y al agua, en la percepción de múltiples desigualdades socioespaciales. Se incluyen los Anuarios de Agricultura Metropolitana (UFMG y UFRJ), Investigaciones en Agricultura Urbana y Salud (FIOCRUZ) e investigaciones de la UFRN/MDA.

Resumo geral: A presente sessão livre busca apresentar, dar visibilidade e discutir, no âmbito dos estudos e práticas associados ao processo de urbanização brasileiro e mais especificamente às metrópoles, um conjunto de pesquisas em andamento que pretendem identificar, conhecer e reforçar iniciativas de produção de alimentos em pequena escala, de forma coletiva e em bases agroecológicas nas áreas urbanas e metropolitanas em algumas regiões brasileiras.

Parte-se do pressuposto que tais pesquisas e os processos que decorrem delas são poderosas ferramentas de aprendizado coletivo, capazes de desencadear sentimentos de identidade comum, resgate de saberes até então pouco valorizados, gerando processos de empoderamento e relações de pertencimento de agricultoras/es com seus territórios. Nesse sentido as pesquisas e seus resultados, já publicados ou não, podem ser vistos também como instrumentos de mobilização política, de discussão de alternativas de produção, comercialização e consumo de alimentos de qualidade, de compartilhamento de saberes e experiências, de discussão de entraves e dificuldades para a sobrevivência digna das camadas populares, de compreensão do lugar que a agricultura urbana ocupa na

produção e apropriação do espaço urbano, na luta pelo acesso à terra e à água, na percepção de múltiplas e cumulativas desigualdades socioespaciais.

Dentre as pesquisas e publicações selecionadas, discutiremos a concepção, metodologia e procedimentos envolvidos na realização dos Anuários das Agriculturas Metropolitanas pelo Grupo AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana da UFMG, com dois volumes já editados em 2022 e 2024 e um terceiro volume em andamento fruto de projeto conjunto com o Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES) da UFRJ que realiza seu primeiro Anuário; temos também resultados de um projeto em andamento fruto de parceria entre a UFRN e o MDA, assim como resultados da pesquisa "Agricultura Urbana Agroecológica, Direito à Cidade e Promoção da Saúde: intercâmbios para o fortalecimento de práticas e redes" realizada pela FIOCRUZ em parceria com o Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (CNAU).

Privilegiamos as experiências desenvolvidas por sujeitos coletivos diversos, como movimentos sociais, associações e redes de produtores ou consumidores, que apontam caminhos para a dissolução de polarizações como campo-cidade e cultura-natureza na formação de sistemas agroalimentares intra e interurbanos. Na perspectiva agroecológica, apontamos para um sistema de reprodução da vida em que as necessidades são percebidas e resolvidas de forma integrada. Alimentação saudável sem agrotóxicos e outros químicos, moradia e infraestrutura urbana adequadas, acesso à terra e à água, educação emancipadora, trabalho digno, entre outras, são necessidades que se complementam e se articulam com conceitos oriundos de outros campos disciplinares em diálogo com a agroecologia e as políticas urbanas. Assim, buscamos incorporar o campo da saúde coletiva, a partir da determinação social da saúde, aos conceitos e propostas como direito à cidade, direito à natureza e direito à alimentação adequada.

A proposta busca, nas pesquisas centradas na agricultura urbana agroecológica, uma aproximação entre campos disciplinares distintos, que na atualidade convergem para a construção de um arcabouço teórico-conceitual compartilhado envolvendo o planejamento urbano, o debate ambiental, a economia solidária, a segurança alimentar e nutricional, a saúde coletiva, as tecnologias sociais, entre outros. Ressalta-se ainda a forte interface da agroecologia com os debates feministas, na medida em que as mulheres assumem um protagonismo particular na militância agroecológica, reforçando seu papel na produção de comida de verdade e na construção social de mercados em territórios urbanos, ao mesmo tempo em que lutam contra a opressão e violência sobre seus corpos e contra a injusta divisão sexual do trabalho, que separa e hierarquiza o tempo de trabalho produtivo sobre o trabalho de reprodução.

Embora seja uma atividade tradicional nas cidades, praticada tanto em áreas privadas como públicas ou coletivas, a agricultura urbana se constitui numa prática invisibilizada nas cidades, ora tida como resquício de trajetórias rurais de migrantes, ora como experiência privada de complementação alimentar em hortas e quintais. Tal invisibilidade está também

associada ao processo de valorização da terra e de luta pelo espaço, dominada pelos capitais fundiários e imobiliários no qual não há lugar para a produção de alimentos ou atividades ainda pouco capturadas pela lógica mercantil como a satisfação e a necessidade de cultivar frutas e legumes, flores, plantas medicinais, etc. Além disso, a produção de alimentos de forma mais ampla é crescentemente controlada por um sistema agroalimentar associado ao agronegócio e à reprodução de capitais em esfera global e financeirizada, ao qual se contrapõe a perspectiva da agroecologia. Esta perspectiva busca associar a pequena produção – camponesa, familiar, popular, de povos e comunidades tradicionais - ao universo das práticas e saberes de agricultoras/es enraizados em seus territórios, produzindo alimentos de qualidade, com importantes implicações sobre a saúde e segurança/soberania alimentar da população. Este campo disciplinar, até recentemente associado aos territórios rurais, tradicionais e camponeses, bastante politizado e estruturado em escala nacional e internacional, vem cada vez mais sendo discutido em sua vertente urbana. Neste debate temos a intenção de contribuir para a consolidação de uma agroecologia urbana (e metropolitana), associando-a a várias experiências de movimentos sociais e redes de promoção de sistemas alimentares justos e saudáveis, e circuitos curtos de comercialização que buscam aproximar produtoras/es e consumidoras/es a partir de conceitos como economia solidária, comércio justo, entre outras possibilidades de redes urbanas/metropolitanas/rurais. Os movimentos sociais cumprem função estratégica nesse processo ao cumprirem sua função de mediadores, traduzindo as lutas particulares dos agricultores familiares num discurso comum capaz de unificar as ações dos coletivos locais numa luta política mais abrangente, sem enfraquecer a solidariedade de base.

Temos procurado avançar na discussão desse campo disciplinar no contexto dos debates da ANPUR, desde os Encontros Nacionais de Blumenau (2022) e Natal (2023). Na presente proposta exploramos um conjunto de resultados e seu potencial de produção do conhecimento dentro e fora da universidade em articulação com os movimentos sociais. Cabe ressaltar ainda a oportunidade de contribuir para o debate sobre a reestruturação das políticas nacionais de agricultura urbana, de segurança alimentar e nutricional, de saúde, em articulação com políticas habitacionais, urbanas e ambientais de forma mais ampla.

AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA, AGROECOLOGIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A EXECUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Celso Locatel

Programa de Pós-Graduação em Geografia/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte | celso.locatel@ufrn.br

Ao longo da história se vinculou a agricultura ao agrário e ao rural, concepção que foi se consolidando com a revolução industrial e a afirmação do sistema produtivo capitalista como hegemônico, separando a agricultura da indústria, a cidade do campo. Separação essa,

fundamental para a reprodução ampliada do capital, pois converte comida em mercadoria, assim como a terra, uma vez que a população urbana, por não ter acesso à terra para o uso agrícola, não tem como produzir sua comida, restando-lhe a alternativa de venda de toda a sua força de trabalho para comprar alimentos, ao passo que se infla o preço do solo urbano, por ele ter uso restrito. Nesse contexto, um dos principais desafios do processo de urbanização no Brasil é a situação de pobreza que marca a vida social, sendo a fome a expressão mais nefasta da desigualdade social, pois se trata do limiar da sobrevivência humana, como expressam os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF/IBGE, 2018) e da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (I VIGISAN-2021; II VIGISAN-2022).

Nesse contexto, considera-se que a promoção da agricultura urbana e periurbana (AUP) se constitui numa das estratégias para enfrentamento do grave problema alimentar e nutricional nos grandes centros urbanos no Brasil. De fato, as áreas urbanas também se constituem como espaços de produção de alimentos saudáveis, sendo constatado um aumento dessas iniciativas individuais e comunitárias no Brasil. Diante disso, foi celebrada uma parceria entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com o objetivo de contribuir com a promoção da segurança e soberania alimentar e nutricional de famílias em situação de vulnerabilidade social em nove Unidades da Federação, por meio da sistematização, aperfeiçoamento e disseminação de práticas de agricultura urbana e periurbana, orientadas pelos princípios da agroecologia e da economia popular solidária.

O projeto foco dessa parceria tem como metas realizar eventos regionais e nacionais sobre o tema; fazer mapeamento para identificação e caracterização de iniciativas associativas e de cooperação de horticultura comunitária; implantar 22 projetos de horticultura comunitária; além de sistematizar informações de experiências exitosas de AUP e organização de publicações sobre o tema. Esse projeto derivado da parceria da UFRN com o MDA é uma das ações da Política Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana que foi criada pelo Decreto nº 11.700 de 2023.

AGRICULTURA URBANA AGROECOLÓGICA A PARTIR DAS REDES TERRITORIAIS, EM DIÁLOGO COM A SAÚDE

Luísa Ferrer

Pesquisadora territorial do Projeto Saúde e Agricultura Urbana da Fiocruz | luisa.agroeco@gmail.com

As redes territoriais de agroecologia têm a capacidade de promover localmente iniciativas populares onde constroem relações que transformam o território em diferentes escalas. As

agricultoras e agricultores de diferentes realidades brasileiras articulados em seus territórios, contribuem com saberes e práticas que reforçam seus modos de vida e fortalecem a luta pela permanência da agricultura urbana agroecológica. Essas redes territoriais de agroecologia apresentam trajetórias cooperativas e solidárias que comprovam que é possível plantar e colher saúde nas metrópoles brasileiras.

Como resultado de uma parceria entre a Agenda de Saúde e Agroecologia da Fiocruz (Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde - VPAAPS) e o Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (CNAU), o projeto 'Agricultura urbana agroecológica, direito à cidade e promoção da saúde: intercâmbios para o fortalecimento de práticas e redes' produziu a publicação 'Agriculturas Urbanas Agroecológicas e Promoção da Saúde: fortalecendo diálogos, memórias e redes'. Essa pesquisa, realizada entre 2022 e 2023, busca olhar para experiências de agricultura urbana agroecológica, com ênfase nas questões de saúde, gênero e raça, direito à cidade e justiça ambiental. O objetivo é sistematizar memórias e enriquecer o debate sobre a relação entre agricultura urbana e saúde, em níveis nacional e regional, além de apoiar as redes de agricultura urbana engajadas com a agroecologia.

Dividida em três capítulos, a publicação se propõe a (1) expor a trajetória nacional do movimento de agricultura urbana, trazendo marcos históricos e processos coletivos que se sucederam; (2) apresentar experiências de seis redes territoriais de agricultura urbana em regiões metropolitanas; e por fim, (3) compartilhar as reflexões e aprendizados decorrentes desse processo de pesquisa regional e nacional. A pesquisa foi desenvolvida nas regiões metropolitanas de Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Vitória (ES) e Belo Horizonte (BH) e os municípios de São Paulo (SP) e Florianópolis (SC), por meio de uma colaboração em rede de pessoas e grupos enraizados nos territórios, pesquisadores da Fiocruz e do CNAU e parlamentares que apoiam as agriculturas urbanas agroecológicas em suas respectivas regiões.

A análise da trajetória das experiências de agricultura urbana agroecológica, tanto no âmbito nacional quanto regional, foi fundamental para sistematizar reflexões e ampliar o debate sobre o tema. Ela abordou a organização da sociedade civil, o impacto das redes de agricultura urbana nas políticas públicas e a interconexão entre agricultura, agroecologia e saúde, além de destacar a relevância do tema e a importância do registro histórico.

ANUÁRIO “AGRICULTURAS URBANAS NA METRÓPOLE DO RIO DE JANEIRO: EXPERIÊNCIAS COLETIVAS AGROALIMENTARES”.

Luciana Correa do Lago

Programa de Pós Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social/ Universidade Federal do Rio de Janeiro| lucianacorrealago@gmail.com

A agricultura urbana é um campo de disputa estratégico na luta pelo direito à cidade. A formação de redes de produção, de abastecimento e de consumo de alimentos agroecológicos pauta a luta pelo direito de se produzir coletivamente outra cidade, outros

parâmetros do bem viver urbano, indo além da luta pelo direito de acesso aos bens e serviços públicos. São novas necessidades e demandas sociais que vão sendo criadas de acordo com as etapas do desenvolvimento dos empreendimentos produtivos, garantindo a reprodução ampliada da vida das famílias trabalhadoras.

Nessa luta, um dos grandes desafios é dar visibilidade na cena pública às inúmeras e variadas práticas coletivas agroalimentares em curso nas cidades brasileiras. O Anuário “Agriculturas urbanas na metrópole do Rio de Janeiro” busca responder a esse desafio, por meio de uma publicação anual que cumpre uma função ao mesmo tempo política e pedagógica. Nesse sentido, dados sobre insegurança alimentar e nutricional, sobre as redes de abastecimento, sobre as feiras agroecológicas, sobre as dinâmicas de produção das/os agricultoras/es familiares urbanas/os, sobre as políticas regulatórias e de fomento, entre outros, são sistematizados, mapeados e divulgados em formatos e linguagens que estimulem a leitura e a apreensão pelos sujeitos políticos do campo agroecológico e pelas/os jovens em processo de formação.

O primeiro volume do Anuário tem como foco as experiências coletivas agroalimentares no Rio de Janeiro, abordando a escala metropolitana como a escala dos sistemas de troca cotidiana de produtos, insumos e conhecimentos dentro e fora da metrópole, sistemas que extrapolam as fronteiras institucionalizadas entre a cidade e o campo. Buscamos, assim, apreender os limites territoriais da metrópole do Rio de Janeiro, com base nas experiências agroalimentares sistematizadas. Embora menos “agrícola” do que as demais metrópoles brasileiras, o Rio de Janeiro abriga uma significativa diversidade de experiências coletivas agroalimentares. São quintais produtivos nas periferias, assentamentos da reforma agrária, hortas em lajes, nas sobras dos conjuntos habitacionais, nos quilombos e nas escolas. São circuitos de feiras agroecológicas da agricultura familiar e lojas em áreas centrais, organizadas por associações, redes e movimentos sociais.

ANUÁRIO DAS AGRICULTURAS METROPOLITANAS: UMA PUBLICAÇÃO SOBRE A REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (RMBH)

Ghiulia Cabral Martins

AUÊ! Grupo de estudos em Agricultura Urbana/Universidade Federal de Minas Gerais | ghiuliacabral@gmail.com

As práticas agrícolas, pecuárias, extrativistas, de pesca, beneficiamento e cultivo do solo presentes nas regiões metropolitanas representam um conjunto com características diversas, seja pelos diferentes modos de produzir e comercializar, seja pela pluralidade de territórios, pessoas e relações. A expressão *agriculturas metropolitanas* busca abranger esse contexto heterogêneo de dinâmicas, vivências, e disputas que atravessam questões sociais, econômicas, ambientais e do uso do espaço urbano.

Os Anuários das Agriculturas Metropolitanas, lançados pelo grupo AUÊ! - Estudos em Agricultura Urbana - AUÊ/UFMG, são instrumentos que visam identificar a multiplicidade da agricultura na RMBH, suas especificidades, conflitos e confluências.

Como resposta à invisibilização das agriculturas de pequena escala, muitas vezes relegadas nas discussões e construção de políticas públicas, os anuários reúnem, analisam e geram dados atualizados sobre diferentes dimensões das agriculturas. As publicações buscam evidenciar, principalmente, as práticas de agroecologia, de agricultura urbana e de agricultura familiar presentes nesse território, incluindo seus atores e redes.

Além de sistematizar e conectar dados e informações relevantes sobre as agriculturas metropolitanas, os anuários incorporam reflexões geradas em pesquisas e processos coletivos de construção do conhecimento. Por meio de seminários, rodas de conversa e encontros, o diálogo entre organizações sociais e instituições promove produção, divulgação e intercâmbio de informações sobre diversas temáticas.

Foram lançadas duas edições até então, a segunda com ênfase temática nos caminhos dos alimentos na RMBH, em 2022 e 2024. Já o terceiro volume está em construção, trazendo a dimensão da saúde como debate transversal, tema intrinsecamente ligado à agroecologia que, enquanto prática e movimento social, luta pelo acesso à alimentação saudável, construção da soberania alimentar e nutricional e transição dos sistemas agroalimentares, promovendo a agrobiodiversidade e cuidado com às águas e solo.

Neste sentido, os anuários também apresentam iniciativas de produção agroecológica localizadas na RMBH, que se conectam também com outras economias, movidas por lógicas que vão além da capitalista, como a solidariedade. Essas experiências anunciam possibilidades concretas de transformação do espaço urbano e das relações socioeconômicas existentes na complexidade das regiões metropolitanas.